

CIBERFEMINISMO EM HOLLYWOOD: a repercussão dos movimentos #MeToo e Time'sUp

Cyberfeminism in Hollywood: the repercussion of the
#MeToo and Time's Up movements

Caroline Kraus Luvizotto (*)

Ana Carolina Trindade (**)

Carolina Bortoleto Firmino (***)

Heloísa Souza dos Santos (****)

Resumo

O ciberativismo oferece ao movimento feminista ferramentas e possibilidades de expansão e conscientização. #MeToo e Time'sUp se tornaram símbolos contra a cultura do assédio em Hollywood. A partir da análise de enquadramento, analisam-se publicações da Revista Marie Claire quanto a proposta editorial e aos conteúdos acerca dos movimentos.

Palavras-chave: Ciberfeminismo. Assédio. #MeToo. Time's Up.

Abstract

Cyberactivism offers the feminist movement tools and possibilities for expansion and awareness. #MeToo and Time's Up have become symbols against the culture of harassment in Hollywood. From the framework analysis, publications from Revista Marie Claire are analyzed regarding the editorial proposal and content about the movements.

Keywords: Cyberfeminism. Harassment. #MeToo. Time'sUp.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e a popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) digitais oferecem um novo espaço de comunicação, articulação e mobilização para os movimentos sociais. O uso maciço da internet e de dispositivos móveis na vida cotidiana, as distintas ferramentas e possibilidades de interação, o

(*)Socióloga. Doutora em Ciências Sociais. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Brasil. Possui pós-doutorado pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Midiática e Movimentos Sociais (ComMov). E-mail: caroline.luvizotto@unesp.br

(**)Graduada em Relações Públicas. Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Brasil. Bolsista da Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2019-2020). Membro do ComMov. E-mail: carolina.trindade@unesp.br

(***)Jornalista. Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Brasil. Bolsista da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: carolina.bfirmino@gmail.com

(****)Jornalista. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, Brasil. Membro do ComMov. E-mail:helokenne@gmail.com

rompimento das barreiras de tempo e espaço, e o relativo baixo custo, são algumas das características que fazem da internet um meio essencial para os movimentos sociais.

Além de se configurarem como instrumentos fundamentais para organizar e disseminar as demandas dos movimentos sociais, as TIC possibilitam a formação de novos movimentos e novas formas de ativismo, uma vez que articulam sujeitos sociais em torno de causas comuns, proporcionando uma atuação em rede, apontando novas tendências nas formas de ação coletiva. Os atores sociais engajados em uma causa social se orientam cada vez mais pelo uso dos meios de comunicação e das diversas estratégias de comunicação online para difundir seus valores, demandas e agenda, convidando a sociedade civil para participar (MACHADO, 2007). Entre os inúmeros movimentos sociais que fazem uso das tecnologias digitais em busca de visibilidade, de exporem as suas demandas, suas agendas, e para mobilizar e informar a sociedade civil, observa-se a crescente atuação do movimento feminista contemporâneo.

O movimento feminista contemporâneo constitui-se num projeto de transformação da sociedade intimamente relacionado com a midiaticização das relações sociais, com pautas e discursos também midiaticizados, o que culminou na criação de novas estratégias de mobilização e de visibilidade a partir do uso das redes sociais digitais. Oliveira (2019, p. 67) apresenta esse contexto como uma “literatura feminista da quarta onda, com escritoras engajadas em movimentos online em forma de blogs e páginas destinadas ao feminismo. O relato pessoal em forma de texto é a nova tendência da produção literária dentro do feminismo contemporâneo”.

Os movimentos sociais se fortaleceram com o ativismo digital e as suas demandas e as suas agendas políticas encontraram uma nova linguagem, a cibernética, inerente ao ambiente digital. O ativismo digital é repleto de memes e hashtags que conferem à mensagem política do movimento social alcance, volume e velocidade nunca visto antes. Nos últimos anos, hashtags como #meuamigosecreto, #meuprimeiroassedio e #elenão, por exemplo, estiveram em grande evidência no Brasil.

No cenário internacional, os movimentos #MeToo e Time'sUp também ressoaram, especialmente porque tiveram origem em Hollywood, que concentra grande parte das atenções das mídias nacional e internacional. #MeToo e Time'sUp se tornaram símbolos de uma luta que há muito era travada nos bastidores do cinema: a cultura do assédio em Hollywood. Inúmeras mulheres se manifestaram publicamente, em redes sociais na internet, a respeito do comportamento de grandes nomes da indústria cinematográfica, incluindo atores e diretores, acusados não só de assediadores,

mas também, de terem cometido crimes de estupro. As campanhas #MeToo e Time'sUp se completam e se unem para denunciar os culpados e ajudar vítimas, inclusive as que se calaram por medo e dificuldades impostas pelo mercado de trabalho cinematográfico e pela sociedade patriarcal. Este episódio passou a ser explorado enfaticamente pela mídia e repercutiu em diversos veículos de comunicação mundo afora.

No Brasil, o site da revista feminina Marie Claire noticiou toda a movimentação a favor dessas campanhas e os posicionamentos contrários – com destaque para a carta publicada no *Le Monde*, assinada pela atriz Catherine Deneuve e outras intelectuais francesas. Este artigo apresenta uma análise das publicações na versão online da Revista Marie Claire, a fim de identificar sua proposta editorial e o conteúdo acerca dos movimentos #MeToo e Time'sUp.

O estudo se inicia com o aporte histórico sobre o movimento feminista contemporâneo e com o aporte teórico acerca do ciberativismo. Na sequência, são apresentadas as campanhas #MeToo e Time's Up, afim de contextualizar o fenômeno feminista em Hollywood. Posteriormente, são abordadas a Revista Marie Claire e as matérias selecionadas para a análise qualitativa, de acordo com a análise de enquadramento (PORTO, 2002). Os conteúdos analisados se mostraram predominantemente a favor dos movimentos #MeToo e Time'sUp, conjugando com a proposta editorial da revista. Por outro lado, não existe um desenvolvimento da informação ou de pautas que discutam o assédio e o empoderamento feminino de maneira mais aprofundada.

2 FEMINISMO, TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E LUTAS MÚLTIPLAS

O movimento feminista caracteriza-se como movimento social – aqui compreendido como ações coletivas que são fontes de inovação geradoras de saberes, dotados de caráter democrático e cidadão, que possuem um projeto de sociedade – uma vez que busca a transformação das relações sociais, a redefinição os papéis sociais, dos discursos e das identidades. “Sua atuação vai além do campo da cultura, da educação, das sociabilidades e dos direitos humanos” (LUVIZOTTO; SANTOS, 2019, p. 75).

De acordo com Touraine (2006), essas ações coletivas se opõem a uma forma de dominação generalizada, vinculam-se a um critério econômico de classe e almejam a autonomia moral dos sujeitos em relação aos padrões sociais e culturais. Os sujeitos

envolvidos nessas ações coletivas tonam-se agentes de pressão, orientados para a ação direta sobre os problemas sociais, buscando concretizar um projeto de sociedade.

Para entender o movimento feminista contemporâneo, com demandas multiculturais e que abrangem camadas sociais variadas, é preciso resgatar a participação das mulheres em momentos importantes da história. Longe de esgotar a temática, apresenta-se a seguir um resgate histórico, a fim de contextualizar e possibilitar melhor interpretação do movimento feminista contemporâneo.

Comumente, os estudos dedicados ao movimento feminista apontam três fases, ou como são conhecidas, três ondas distintas que caracterizam o movimento e seu percurso histórico. Essas ondas se diferenciam em momentos de expansão, objetivos, demandas e produção intelectual acerca dos direitos das mulheres.

A primeira onda do feminismo teve início na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, no final do século XIX, e ficou marcada pelas manifestações de mulheres no espaço público em busca de direitos civis e políticos, com destaque a direito ao voto e ao acesso à educação. A segunda onda abrange o período de 1960 a 1980 e compreende as reivindicações voltadas a subjetividade feminina e a construção simbólica do ser mulher. Com o aumento da escolarização da mulher, observa-se um aumento das ações políticas e da produção intelectual feminista, com destaque para *Le Deuxième Sexe*, de Simone Du Beauvoir e *The Feminine Mystique*, de Betty Friedan. No final dos anos 1980, uma reflexão acerca do ser mulher, a pluralidade, as diferenças e as especificidades, começa a se fortalecer e tem início a terceira onda do feminismo, com uma vasta produção de conhecimento que reflete as diferenças culturais, políticas e sociais entre as mulheres, propondo uma nova compreensão sobre a opressão feminina, acrescentando dimensões como raça, classe e sexualidade (GURGEL, 2010; LORDE, et. al., 2019).

No final da década de 1990 emergiu um movimento global a favor do acesso à informação, estreitamento das relações sociais, políticas e culturais. São debates que operam além da esfera local e atingem questões globais, com o movimento feminista passando a integrar esse contexto (GURGEL, 2010). As demandas do movimento feminista contemporâneo indicam que existe a necessidade de ações conjuntas com efeitos globais, e que consigam articular os sujeitos envolvidos, respeitando sua heterogeneidade.

Nas duas últimas décadas, observou-se a emergência de movimentos feministas na internet. Acompanhando a dinâmica de inúmeros movimentos sociais, o feminismo

se apropriou da estrutura das plataformas de comunicação digital para dar visibilidade para suas pautas e reivindicações, bem como, mobilizar pessoas e organizações. O resultado é a disseminação do movimento feminista: “observa-se que nos últimos doze anos houve uma transformação em relação aos sujeitos desse debate, indicando a adesão cada vez mais precoce de jovens interessadas nas pautas feministas, o que está ligado diretamente ao fácil acesso e à familiarização desse público com as tecnologias” (MARTINEZ, 2019, p. 03). Isso evidencia que as redes sociais digitais e o ciberativismo se apresentam como ferramentas e ação fundamentais para o movimento feminista.

3 CIBERATIVISMO E FEMINISMO NA INTERNET

O ativismo desempenha um papel importante na sociedade, projetando novas mentalidades, impulsionando transformações sociais. A partir da constituição de movimentos sociais, ativistas ocupam e estimulam espaços de participação e deliberação, fortalecendo a democracia. Neste contexto, os meios e os processos de comunicação são indispensáveis e dentre eles, destaca-se a internet, uma vez que possibilita inúmeras práticas cidadãs, expandindo o acesso à informação, fomentando a produção de conhecimento dos atores sociais.

O desenvolvimento dos processos democráticos se intensificou, muitas vezes, após ações políticas praticadas por cidadãos atuando na internet. É possível que as redes sociais sejam usadas como um meio de comunicação adicional, para que esses grupos se organizem e se mobilizem em torno de ações e protestos nas redes (online) e nas ruas (off-line, fora do ambiente digital). Além disso, é preciso compreender a internet como um ambiente onde “os meios comunitários de comunicação educam não só pelos conteúdos que divulgam, mas pela oportunidade de envolvimento direto dos cidadãos em todo o processo comunicativo” (PERUZZO, 2008, p. 07). É a interação e a colaboração entre os atores sociais que confere potencial democratizador às ferramentas da internet.

Para Scherer-Warren (2006), é necessário um trabalho de empoderamento democrático e de inclusão social das bases do movimento social como um todo. Isso se daria com o combate à exclusão em suas múltiplas faces e a respectiva luta por direitos (civis, políticos, socioeconômicos, culturais e ambientais); com o reconhecimento da diversidade dos sujeitos sociais envolvidos e do pluralismo das ideias ali presentes; e

com a promoção da democracia nos mecanismos de participação no interior das organizações e nos comitês da esfera pública, criando novas formas de governança.

O movimento feminista aparece como parte dessa nova configuração de espaços de participação cidadã, tendo em vista suas novas demandas e formatações nos últimos tempos. Ocupando cada vez mais a imprensa digital por meio de iniciativas independentes, o chamado jornalismo feminista tem se expandido para além da simples inserção de pautas concernentes a mulheres e aplicado uma perspectiva feminista aos mais diversos assuntos (LUVIZOTTO; SANTOS, 2019).

O ciberativismo oferece ao movimento feminista ferramentas e possibilidades de expansão e conscientização. Autoras como Fabiana Martinez (2019), Simone Paulino e Silvia Paulino (2019), defendem que o movimento feminista vivencia a sua quarta onda, que ganhou força ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, com a disseminação de mensagens nos ambientes digitais e a articulação de movimentos e protestos. A divisão do movimento entre as mulheres que produzem conhecimento, as ativistas e as prestadoras de serviços deu lugar a uma ação conjunta, considerando toda a mobilização em prol da democracia e das causas pelas quais se luta. Isso é observado na produção de informação sobre mulheres, agora com maior visibilidade na imprensa digital com enfoque de gênero (LUVIZOTTO; SANTOS, 2019), bem como na formação de movimentos de mulheres organizadas em comunidades digitais (PAULINO; PAULINO, 2019).

Tomazetti (2015) situa a relação entre o feminismo e as redes sociais digitais:

Os sites de rede social online, como Facebook e Twitter, parecem ter se tornado as principais fontes de organização e difusão de centenas de protestos locais em diferentes continentes. Assim, as variadas apropriações e temas de embate passam a depender paralelamente de contextos locais e de práticas globais de comunicação. (TOMAZETTI, 2015, p. 495)

Juntos, mídias digitais e os meios de comunicação de massa geram novos fluxos transnacionais de informação sobre o feminismo enquanto movimento global. Em 2015, o boom de sites e páginas em redes sociais com conteúdos feministas fez projetos como AzMina, Não Me Kahlo, Lado M, Empodere Duas Mulheres, Think Olga, Blogueiras Feministas, Frida Diria, Capitolina, entre outros, tornarem-se referência para meninas e mulheres que buscavam novas perspectivas de interpretação para fatos tratados de forma irresponsável ou pouco explorados pela mídia.

Além do caráter de denúncia de injustiças, as citadas organizações e veículos midiáticos também propõem construir uma rede de apoio entre mulheres que ainda lutam para entender o que de fato é a opressão que sofrem. Esse tipo de ação também ocorre e se organiza em comunidades de redes sociais digitais, que promovem discussões mais profundas sobre feminismo e as experiências das mulheres (MARTINEZ, 2019).

De acordo com Martinez (2019), não há precedentes para a articulação feminista formada a partir das relações estabelecidas pelas redes sociais digitais:

Se durante todas as três ondas do feminismo, o movimento dependeu de que as mulheres se organizassem em espaços diversos presencialmente, a partir dos anos 90 a cultura digital possibilitou que as coisas se dessem de forma mais generalizada e pulverizada se tornando, ela mesma, objeto de uma nova epistemologia feminista, que foi chamada de ciberfeminismo (MARTINEZ, 2019, p. 07).

O ciberfeminismo, possível a partir da expansão e popularização das tecnologias digitais, possibilitou a disseminação das ideias, demandas e agendas feministas, renovando e pluralizando o debate sobre a condição das mulheres e sobre o ser mulher, “questionando as desigualdades de gênero através das relações das mulheres com a ciência, a tecnologia e a cultura eletrônica” (MARTINEZ, 2019, p. 07).

De acordo com Castells (2013), muitos movimentos sociais se disseminaram devido a rápida difusão de informações, imagens e ideias promovida pela internet. O engajamento político, praticado nas redes sociais, possibilitou que os próprios indivíduos criassem informações e as transmitissem nos ambientes digitais. Para o autor, “o papel da internet e da comunicação sem fio nos atuais movimentos sociais em rede é fundamental” (CASTELLS, 2013, p. 166).

“As redes sociais são fundamentais para o fortalecimento dos mais diferentes movimentos sociais e contribuem para a união e o empoderamento dos sujeitos sociais” (VOLPATO, et. al.; 2019, p. 380). O ciberativismo é uma importante ação na luta por transformações sociais. Volpato, et. al. (2019, p. 380) defendem que as redes sociais digitais e a internet são “fortes aliadas dos movimentos, possibilitando uma forma de controle inovadora, que, na medida do possível, se apresenta como uma alternativa diante do controle exercido pelos oligopólios midiáticos, pelo governo e por outras instituições”.

Compreende-se que o ambiente digital e as variadas ferramentas que permitem a participação cidadã não garantem que as pessoas serão mais e melhor engajadas politicamente. Além disso, é preciso considerar que existe um abismo entre o acesso a tecnologia e a alfabetização midiática informacional. Observa-se, ainda, o alto custo do acesso a internet e os inúmeros problemas de infraestrutura e conectividade presentes em diversas sociedades. Entretanto, a comunicação em ambiente informacional digital com vistas a participação cidadã, quando priorizados o compartilhamento, a colaboração, a interação, os espaços de debate e deliberação, por exemplo, pode potencializar o engajamento, ampliando seu alcance, de forma plural e diversa, conferindo visibilidade e legitimidade para a causa e, conforme complementa Martino (2015), abre espaço para o cidadão se opor ou apoiar questões políticas, permitindo o acompanhamento de ações governamentais e facilitando a discussão.

O ciberativismo aparece como dinâmica contemporânea dos movimentos sociais, presente também nas novas configurações e espaços de luta do movimento feminista e foi a forma de ativismo exercida em Hollywood, em 2017, por diversas atrizes que denunciaram o assédio sexual sofrido durante sua atuação no cinema e na televisão. Os movimentos que se destacaram no período foram o #MeToo e o Time'sUp¹, apresentados a seguir.

4 FEMINISMO EM HOLLYWOOD: AS CAMPANHAS #METOO E TIME'S UP CONTRA O ASSÉDIO SEXUAL

Os movimentos #MeToo e Time'sUp trouxeram diversas discussões a respeito do assédio sexual. O #MeToo surgiu em 2007, antes mesmo de toda a repercussão no fim do ano de 2017. A americana Tanara Burke criou o movimento para apoiar vítimas de abuso sexual, agressão e assédio. A hashtag se tornou viral quando Alyssa Milano, atriz norte americana, publicou em seu Twitter um apelo para que todos escrevessem o "me too" para disseminar informações de quem já sofreu assédio, afinal, ela salientou que todos precisam saber a abrangência desse problema. Milano propôs essa iniciativa após as denúncias feitas pelas vítimas de Harvey Weinstein, um produtor de cinema norte americano que foi acusado de abusar sexualmente de diversas mulheres. Com isso,

¹ #MeToo e Time'sUp: entenda as iniciativas de Hollywood contra o assédio. Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/01/19/metoo-e-times-up-entenda-as-iniciativas-da-hollywood-contra-o-assedio.htm>. Acesso em: 29 jan. 2020.

celebridades como Lady Gaga e Jennifer Lawrence vieram a público expor suas experiências e apoiar as vítimas utilizando a hashtag #MeToo.

Isto posto, criou-se também o Time'sUp² – um site para arrecadação de fundos – a partir de uma iniciativa de atrizes e funcionárias da indústria cinematográfica, após as denúncias contra atores, produtores e diretores, entre eles, por exemplo, Kevin Spacey, Brett Ratner e Bryan Singer.

O site oferece o acesso a carta original que foi distribuída para mais de 700 mil trabalhadores e traz informações sobre as desigualdades, preconceitos, violências e assédios que as mulheres enfrentam em ambientes de trabalho. Apresentam-se, também, os objetivos da campanha Time'sUp: a criação de um fundo de defesa legal que aceita doações para as vítimas que sofreram assédio ou retaliação no ambiente de trabalho quando denunciaram; a proposta de criação de leis; e o estímulo sobre a inserção de mulheres em cargos de liderança. Esta campanha tem como apoiadoras as atrizes norte americanas Natalie Portman, Emma Watson, Nicole Kidman, entre outras.

A carta que deu origem às campanhas Time'sUp e deu espaço ao #MeToo, publicada pelo jornal norte americano The New York Times, traz mensagens de apoio a todas as mulheres, independentemente do tipo de trabalho que exerça:

A cada mulher empregada na agricultura que teve que aguentar as tentativas de sedução de seu chefe [...], cada imigrante silenciada e para todas as mulheres submetidas a comportamentos indignos e ofensivos que passaram para ganhar a vida: estamos com vocês, as apoiamos³.

Posicionando-se contrariamente à mensagem da campanha #MeToo e Time'sUp, uma carta aberta também foi publicada em janeiro de 2018 no Le Monde, jornal diário Francês, e assinada por mais de cem mulheres, entre elas, a atriz Catherine Deneuve. O texto traz uma crítica à campanha #MeToo, pois alega que esse movimento de mulheres se tornou excessivo e que não possibilitou que os acusados se defendessem. Em um dos trechos, traduzidos do francês pelo site da BBC, ressalta-se: "Estupro é crime, mas tentar seduzir alguém, mesmo de forma insistente ou desajeitada, não é – tampouco o cavalheirismo é uma agressão machista"⁴.

² Site oficial do Time'sUp. Disponível em: <https://www.timesupnow.com/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

³ Trechos da Carta Aberta do movimento #MeToo. Disponível em: <http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/01/atrizes-de-hollywood-criam-fundo-legal-contrabusos-sexuais-mulheres.html>. Acesso em: 29 jan. 2020.

⁴ Carta Aberta de Catherine Deneuve. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-42633371>. Acesso em: 29 jan. 2020.

No dia 24 de fevereiro de 2020, o produtor Harvey Wienstein foi condenado há 23 anos de prisão, cerca de três anos após as denúncias e fortalecimento da hashtag #MeToo. Os principais crimes que, enfim, o levaram à prisão foram contra a sua então assistente de produção, Mimi Haleyi, e o estupro da atriz Jessica Mann, cometidos em 2006 e 2013, respectivamente.

No Brasil, inúmeros veículos de comunicação noticiaram a campanha #MeToo e Time'sUp e o presente artigo passa a analisar como a Revista Marie Claire abordou esse assunto, buscando compreender a repercussão da campanha e o alinhamento com a linha editorial do periódico.

5 A REVISTA MARIE CLAIRE

A Revista Marie Claire é um periódico feminino, lançado originalmente na França em 1937. Foi interrompido em 1939, por conta da Segunda Guerra Mundial, mas voltou à ativa em 1954. Hoje, pertence ao conglomerado de mídia Hearst Corporation, começando a circular nos Estados Unidos a partir de 1993. Além de ser distribuída entre outros 26 países, em suas adaptações e idiomas próprios, também possui uma versão online. Com o slogan “Chique é ser inteligente”, aborda assuntos sobre moda, comportamento e atualidades. No entanto, segundo escreveu Buitoni em 1997 – pouco tempo depois de a revista ganhar sua versão brasileira, em 1991, publicada pela Editora Globo – Marie Claire tinha uma abordagem corajosa e trazia frequentemente temas polêmicos.

No Brasil, a edição conta com seções como Beleza, Celebidades, Comportamento, Horóscopo, Lifestyle, Moda e Mulheres no Mundo – o mesmo vale para a versão online, de onde foram selecionadas as reportagens analisadas no presente estudo. Com mudanças gráficas e editoriais ao longo das últimas décadas, em abril de 2017, ao completar 26 anos de história, a revista fez novas alterações em sua proposta, com ampliação do conteúdo de beleza, que passou a contar com temáticas fitness e nutrição fixas em suas edições. O design, por sua vez, se aproxima das versões internacionais da marca.

Em informações oficiais divulgadas pelo site Meio & Mensagem (especializado em conteúdo sobre comunicação, marketing e mídia do país), o posicionamento de Marie Claire permanece o mesmo. A diretora de redação da revista, Marina Caruso (2018), descreveu esse posicionamento: “nossa grande bandeira é, e sempre será, a

defesa dos direitos femininos. Marie Claire continua sendo a revista da mulher inteligente, politizada, mas que também adora moda e beleza”⁵.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Após o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica relacionada ao tema em questão e delineado o percurso histórico dos movimentos #MeToo e Time’sUp, verificou-se a versão online na Revista Marie Claire em busca de reportagens que possuíam conteúdos relacionados ao movimento contra o assédio sexual em Hollywood. A coleta teve como foco todo o mês de janeiro de 2018 e foram resgatadas nove reportagens. Para isso, utilizou-se o mecanismo de busca do próprio site, indicando as seguintes palavras-chave: a hashtag #MeToo e o termo Time’sUp. A opção por esse recorte ocorreu em função da publicação do jornal francês Le Monde se posicionando contrariamente a campanha que já estava instalada em Hollywood desde meados de outubro de 2017.

Após a seleção das reportagens, foi realizada a análise de enquadramento. O enquadramento permite identificar o sentido dos eventos e das situações sociais, sendo a abordagem apropriada para o estudo das matérias jornalísticas numa perspectiva sociocultural e política, porque salienta o caráter construído da mensagem, revelando o discurso entranhado (PORTO, 2002).

As matérias que abordam o tema em questão foram identificadas a partir das seguintes categorias: data de edição, seção, título da matéria, linha fina. A análise de enquadramento adiciona a profundidade reflexiva que pode conduzir a análises mais assertivas do que a simples descrição e esquematização das reportagens e produções, agregando dimensões sociológicas e culturais, levando em conta a posição do sujeito produtor da notícia e desse conteúdo dentro do contexto estudado. No caso específico deste estudo, permite compreender a abordagem da Revista Marie Claire acerca das campanhas #MeToo e Time’s Up e verificar como essa abordagem se alinha à política editorial do referido periódico.

⁵ Marie Claire muda projeto editorial e gráfico. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/sem-categoria/2017/04/03/marie-claire-muda-projeto-editorial-e-grafico.html>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

7 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS VEICULADAS NA REVISTA MARIE CLAIRE: A CAMPANHA EM HOLLYWOOD VERSUS O DISCURSO FRANCÊS

As notícias selecionadas possuem conteúdos relacionados à campanha de Hollywood contra o assédio que desencadeou uma atenção especial ao #MeToo e Time'sUp e, também, sobre o discurso francês contra esses movimentos feministas. O objetivo desta etapa da pesquisa foi analisar se as notícias disponibilizadas no site – dentro de nosso recorte de tempo e hashtags utilizadas – correspondem ao posicionamento editorial apresentado pela Revista Marie Claire em abril de 2017.

No Quadro 1, apresentam-se quais foram as reportagens publicadas no site, indicando a data, a seção em que ela está classificada, o título e a linha fina. Na sequência, disserta-se sobre a descrição e a análise de cada uma das reportagens analisadas.

Quadro 1: Seleção de reportagens analisadas

Data	Seção	Título da matéria	Linha fina
Texto 1 03/01/2018	Notícias	Leia a carta aos leitores da diretora de redação de Marie Claire sobre a edição de janeiro	Não teve
Texto 2 07/01/2018	Moda	Globo de Ouro: Stylists estão com dificuldade de encontrar looks pretos	Na edição deste ano, muitas famosas devem vestir a cor em protesto contra o assédio e abuso sexual na indústria cinematográfica
Texto 3 08/01/2018	Mulheres do Mundo	“Um novo dia está no horizonte”, diz Oprah em discurso empoderador no Globo de Ouro	Primeira mulher negra a receber a estatueta pelo conjunto da obra na premiação, a apresentadora e atriz foi ovacionada de pé durante o agradecimento
Texto 4 10/01/2018	Mulheres do Mundo	“Inimigos da liberdade”: Catherine Deneuve e artistas francesas criticam movimento #MeToo	Em tribuna publicada no jornal "Le Monde", Catherine Deneuve e outras 100 mulheres argumentam que, ao invés vez de capacitar as mulheres, os movimentos #MeToo e #BalanceTonPorc (denuncie seu porco) servem aos interesses dos “inimigos da liberdade sexual, dos extremistas religiosos, dos piores reacionários”. Texto recebe críticas no mundo inteiro
Texto 5 12/01/2018	Mulheres do Mundo	11/01/2018: “Revoltante”: Feministas reagem a texto assinado por Catherine Deneuve que critica o movimento #MeToo	Ativistas e coletivos feministas da França e de outros países se posicionaram contra a tribuna assinada por Catherine Deneuve na última segunda. No texto, Deneuve e outras cem mulheres defendem que esses movimentos servem aos “puritanos e extremistas” e que é preciso defender as liberdades sexuais conquistadas na década de 1960
Texto 6	De repente	Catherine Deneuve e Danuza	Na coluna #DeRepentePerennial desta

12/01/2018	Perennial	Leão erram ao criticar feministas e defender direito de assediado	semana, a editora Adriana Ferreira Silva destaca os equívocos cometidos por Danuza Leão e Catherine Deneuve que, na esteira dos protestos do Globo de Ouro, se manifestaram em favor de homens que estariam perdendo seus empregos por denúncias de assédio
Texto 7 15/01/2018	Mulheres do Mundo	Catherine Deneuve se desculpa às vítimas de assédio sexual por carta em que defendia "liberdade de importunar" dos homens	Após causar polêmica por assinar tribuna que criticava o movimento #MeToo e "justiça acelerada" de crimes sexuais, atriz francesa escreveu pedido de desculpas
Texto 8 18/01/2018	Mulheres do Mundo	Keira Knightley revela que foi assediada sexualmente quatro vezes: "não é só estupro"	Atriz fez revelação em entrevista à revista Variety dizendo que teve experiência de assédio "menores"
Texto 9 22/01/2018	Mulheres do Mundo	"Eu tinha horror": Brigitte Bardot recorda carreira no cinema e diz que sem os animais "teria se suicidado"	Em entrevista ao jornal Le Monde, atriz fala sobre os anos traumáticos como atriz e que se encontrou no ativismo pelos direitos dos animais

Fonte: Elaboração própria (2020).

- a) Texto 1: Leia a carta aos leitores da diretora de redação de Marie Claire sobre a edição de janeiro

Aqui, é reproduzida a carta da diretora da redação de Marie Claire sobre a edição de janeiro – a mesma que aparece na revista. O título não faz menção a nenhum aspecto que será abordado no texto, que discorre sobre uma esperança em relação ao novo ano que se inicia. É apresentada a ideia de colocar em prática o que foi iniciado no ano passado e abordado pela revista em outras edições, como questões relacionadas aos “movimentos como Women’sMarch, Mexeu Com Uma Mexeu Com Todas e #MeToo” (CARUSO, 2018). Por ser uma carta assinada, existe um posicionamento claro, que faz refletir – por meio de indagações – sobre a participação política feminina, amparando-se em uma pesquisa realizada pela ONU Mulheres que mostra essa falta de representatividade. O texto vai ao encontro do que a revista caracteriza como sendo sua leitora, que é descrita como uma “mulher inteligente e politizada”, mas que também consome conteúdos de moda e beleza.

- b) Texto 2: Globo de Ouro: Stylists estão com dificuldade de encontrar looks pretos

Como forma de protesto contra o assédio e abuso sexual, diversas famosas preferiram usar a cor preta no Globo de Ouro, uma das maiores premiações do cinema e da televisão. Na ocasião, Oprah Winfrey, apresentadora e jornalista norte americana, foi uma das famosas que fez questão da vestimenta e incentivou as colegas a aderir, afinal,

ela foi uma das propulsoras do movimento Time'sUp. O texto é de uma data anterior ao evento e tenta conciliar mais de um interesse, já que contextualiza o movimento e a participação de grandes nomes femininos do entretenimento, e dá voz àqueles que ficam nos bastidores, como estilistas e cabeleireiros, responsáveis pela imagem dessas mulheres na data em questão. Poderíamos apontar essa como uma abordagem superficial, levando em conta o profundo sentido do debate – a movimentação de mulheres de Hollywood contra o assédio e abuso sexual – que apareceu apenas como pano de fundo da notícia. No entanto, o texto caminha de acordo com a proposta editorial da marca, ao ser classificado com a tag Moda, e levar até essa mulher leitora algo que ela também procura e tem a ver com o universo na qual está inserida.

c) Texto 3: “Um novo dia está no horizonte”, diz Oprah em discurso empoderador no Globo de Ouro

Esse é o primeiro texto do ano – que se encaixa em nosso recorte – que aparece na sessão Mulheres do Mundo. Com trecho do discurso de Oprah Winfrey no título e caracterizando sua fala como empoderadora, a notícia online cita a importância da representatividade, quando escolhe a linha fina: “Primeira mulher negra a receber a estatueta pelo conjunto da obra na premiação, a apresentadora e atriz foi ovacionada de pé durante o agradecimento”. Na notícia, Oprah ganha destaque por conta da ressonância que seu discurso teve em relação à campanha, mas outras mulheres também são citadas como nomes importantes dentro do movimento. É reservado ainda um subtítulo para explicar o conceito de Time'sUp e outro para falar sobre prêmios recebidos na noite, incluindo uma lista com todos os vencedores. Existe um claro posicionamento a favor do discurso e das reflexões promovidas pela campanha, no entanto, isso não atinge pontos profundos de discussão.

d) Texto 4: “Inimigos da liberdade”: Catherine Deneuve e artistas francesas criticam movimento #MeToo

No texto 4, a revista mostra o argumento de Catherine Deneuve e outras diversas famosas – publicado pela tribuna do jornal Le Monde – que foram contra o movimento #MeToo e o equivalente francês #BalanceTonPorc que traduzido para o português seria “mostre seu porco”. As francesas acreditam que a denúncia das atrizes e funcionárias de Hollywood é exagerada e impossibilita as mulheres de viverem como querem. Sem se ater a qual discurso possui mais força, a matéria traz a informação de que isso ocasionou

a discussão de leis na França – como multa para homens que abordassem as mulheres de maneira agressiva ou lasciva nas ruas – e também gerou debates no parlamento francês. Na linha fina, Marie Claire traz uma breve descrição dos resultados desse episódio e termina atentando para reações de outras partes do mundo contrárias ao manifesto. Diferente dos dois textos anteriores, que tratam do tema de maneira mais superficial, este tenta, dentro da proposta editorial, discutir assuntos que tragam um olhar político, e cita a discussão de medidas legislativas sobre comportamentos masculinos inadequados na França. Assim como o texto a seguir, a revista oferece visões diferentes sobre o mesmo problema.

- e) Texto 5: “Revoltante”: Feministas reagem a texto assinado por Catherine Deneuve que critica o movimento #MeToo

A notícia do dia 11 de janeiro também aparece na seção Mulheres do Mundo e traz detalhes sobre a carta de resposta ao manifesto francês. No texto, são citadas várias militantes do movimento feminista, entre elas, um coletivo chamado “OsezleFéminisme”. Ao longo da notícia, foram expostos diversos trechos que rebatem os argumentos trazidos pela tribuna do jornal Le Monde. Diferente do conteúdo do dia 10 de janeiro, a revista dá mais espaço às reações contrárias, com aspas de líderes que explicaram toda a problemática por trás do discurso de Catherine Deneuve – como as palavras utilizadas para amenizar a violência sofrida pelas mulheres. A hashtag #MeToo aparece não só no corpo do texto, como no seu título.

- f) Texto 6: Catherine Deneuve e Danuza Leão erram ao criticar feministas e defender direito de assediar

A publicação do dia 12 de janeiro, publicada na seção De Repente Perennial, traz novamente a repercussão do discurso francês em seu título e ele corresponde ao que foi demonstrado no texto. No decorrer da notícia, destaca-se a informação – já mencionada em matérias anteriores da revista – sobre o texto assinado por Catherine Deneuve e por mais de cem mulheres que foi publicado no Le Monde. Diante dos protestos norte-americano #MeToo e do francês #BalanceTonPorc, as atrizes se mostraram contra e classificaram os movimentos como extremistas. Danuza Leão foi ao encontro do discurso de Catherine e publicou em sua coluna do jornal O Globo a sua opinião sobre o episódio das mulheres que se vestiram de preto no Globo de Ouro a favor das denúncias contra o assédio. Outra atriz que escreveu contra as campanhas foi Fernanda Torres. Em

um blog da Folha de São Paulo, a atriz afirmou que existe um fetiche burguês, no qual trabalhadores da construção civil de grandes bairros cariocas e paulistanos se tornam perfeitos e levantam o moral das mulheres. Após a repercussão negativa, as duas brasileiras se desculparam pelas atitudes. Assim, o final do conteúdo da autora, Silva (2018), discorre sobre a necessidade de todas as mulheres continuarem lutando para que todas pensem sobre seus direitos e lutem juntas pela igualdade de gênero. Dessa maneira, a revista traz mais uma vez uma matéria com um discurso a favor da campanha #MeToo, mas não estimula às leitoras a pensar sobre os direitos e a igualdade de gênero.

- g) Texto 7: Catherine Deneuve se desculpa às vítimas de assédio sexual por carta em que defendia "liberdade de importunar" dos homens

Após toda a repercussão da notícia do dia 12 de janeiro que criticava o movimento #MeToo, Catherine Deneuve escreve um pedido de desculpas e a Revista Marie Claire traz uma matéria no dia 15 de janeiro falando sobre o ocorrido. Embora tenha pedido desculpa, Catherine manteve sua opinião contra o movimento e a matéria esclarece essa opinião: "Evidentemente, nada no texto afirma que o assédio tem algo de bom, do contrário não o teria assinado", diz a atriz. A hashtag #MeToo aparece tanto na linha fina quando no texto. No final da matéria é possível ler um resumo sobre o caso e explica novamente a repercussão negativa da carta da atriz junto com outras cem mulheres.

- h) Texto 8: Keira Knightley revela que foi assediada sexualmente quatro vezes: "não é só estupro"

Com o conteúdo direcionado a favor da campanha americana, o título do dia 18 de janeiro da coluna Mulheres no Mundo menciona que a atriz Keira Knightley já foi assediada. A linha fina traz a seguinte mensagem: "Atriz fez revelação em entrevista à revista Variety dizendo que teve experiência de assédio 'menores'". Assim, com uma matéria a favor do #MeToo, o texto traz a opinião da atriz sobre situações que vivenciou por ser mulher e atuar na indústria cinematográfica. A hashtag aparece durante o texto com um teor positivo quando a atriz elogia o movimento ao comentar que já sofreu abusos em casas noturnas e que isso acontece com todas as mulheres e não somente com atrizes. Dessa maneira, a matéria traz um relato pessoal da atriz que enfatiza que

assédios – independente do tamanho – não devem ser tolerados por ninguém. A matéria oferece informação relevante sobre os tipos de assédio, mas não aprofunda a discussão.

- i) Texto 9: “Eu tinha horror”: Brigitte Bardot recorda carreira no cinema e diz que sem os animais "teria se suicidado"

Outra matéria foi publicada na seção Mulheres no Mundo no dia 22 de janeiro. O texto comenta a opinião positiva de Brigitte em relação às mulheres de Hollywood incentivarem e lutarem pelos direitos das mulheres a partir de uma experiência traumática vivida por ela. O título traz um trecho da entrevista, que também é comentada ao longo do texto, concedida para o jornal Le Monde. A atriz comenta sobre as atrizes de Hollywood e que elas merecem todo o mérito da causa, afinal, afirma que é inaceitável a violência de homens contra mulheres. Esse é o único momento que a matéria fala sobre o #MeToo, sem citar a hashtag, e só se refere a campanha falando sobre essas atrizes. A atriz também fala do preço da fama e do seu amor por animais; se não fosse a necessidade de ajudar os animais, ela teria tirado a própria vida por acreditar que o mundo do cinema é falso e deixa um sentimento de vazio.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre os nove textos disponibilizadas no site da Revista Marie Claire Brasil com as palavras-chave previamente selecionadas pelas autoras – a hashtag #MeToo e o termo Time’sUp. Hollywood é o centro das atenções quando se fala em indústria cinematográfica e a temática do assédio abordada, neste artigo, repercute mundialmente.

Entretanto, a partir da análise aqui exposta, questiona-se sobre a maneira como as notícias desse contexto foram abordadas na revista: apesar do espaço destinado a discutir a cultura do assédio, não houve debates aprofundados, as informações tornaram-se repetitivas, com pouco estímulo à reflexão.

O site da Revista Marie Claire expõe os detalhes sobre o caso de assédio em Hollywood e direciona o leitor a entender o movimento #MeToo e Time’sUp como iniciativas positivas para o feminismo, bem como, demonstra um certo declínio em relação ao manifesto das francesas ao trazer notícias com conteúdo de desculpas de uma das atrizes.

Os conteúdos analisados se mostraram predominantemente a favor dos movimentos #MeToo e Time'sUp, de acordo com a proposta editorial da revista. Por outro lado, não existe um desenvolvimento da informação ou de pautas que discutam o empoderamento de maneira mais inclusiva, que leve até a leitora um olhar mais participativo e de empatia à realidade de luta de várias mulheres por representatividade e direitos iguais. Outro dado obtido foi que nem sempre o título relacionava-se diretamente com o texto, o que se torna ponto negativo na fidelização da leitora, que pode julgar a credibilidade do site.

Após o julgamento de Weinstein, três anos depois os eventos registrados e no presente artigo, a Revista Marie Claire brasileira noticiou a condenação⁶, incluindo um breve histórico do movimento e das reações das mulheres envolvidas. Já a versão britânica da publicação voltou a tratar sobre o assunto em dois textos, um de janeiro de 2020, assinado por Olivia Adams, e outro em março de 2020, assinado por Maria Coole.

O primeiro, de Adams (2020), foi publicado antes do julgamento e condenação de Weinstein, que ocorreu só em fevereiro de 2020. No artigo de opinião, a autora faz reflexões sobre os principais pontos de progresso e tensão do movimento #MeToo, passando pela importância dos relatos compartilhados, a insuficiência das legislações atuais, a importância da mudança social e transformação cultural para reduzir a violência contra a mulher, e ressalta a raiva como um elemento que leva à mudança, algo também explicitado no título do artigo, "O movimento #MeToo precisa continuar com raiva para promover mudanças reais para mulheres" (ADAMS, 2020. Tradução nossa).

Já o segundo texto, trata de uma reportagem mais longa publicada após o julgamento de Weinstein, e tem um título, a princípio, mais crítico ao movimento: "O movimento #MeToo pode ter piorado as coisas para as mulheres?" (COOLE, 2020. Tradução nossa). A reportagem reúne diversas informações sobre o caso, publicadas e geradas ao longo dos anos, consulta a um pesquisador sobre internet, e uma líder de organização pelos direitos da mulher.

Além de discutir as influências da internet na formação do movimento e as dinâmicas sociais que o envolvem, a reportagem apresenta os problemas mais evidentes: a individualização do movimento ("Me neverbecameWe"), a falta de avanços

⁶ Harvey Weinstein é condenado a 23 anos de prisão por agressão sexual e estupro. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/03/harvey-weinstein-e-condenado-23-anos-de-prisao-por-agressao-sexual-e-estupro.html>>. Acesso em: 16 maio 2020.

importantes na diminuição da violência machista e o backlash, atitudes reacionárias contra movimentos culturais e de justiça social, tais como os feministas e antirracistas. Ao final, traz sugestões para os próximos passos da campanha, que inclui um aprofundamento da estrutura organizacional e cuidados cotidianos para tornar os ambientes seguros para mulheres e menos discriminatórios.

Os dois conteúdos descritos indicam que a revista segue em tendências similares às identificadas na análise do conteúdo de 2018 do presente artigo, logo após o início do movimento, de títulos superficiais sobre o assunto e um apoio ao #MeToo, de forma geral. Porém, em 2020, a reflexão parece ter se aprofundado, em parte devido a especialistas externos.

O recente movimento #MeToo e a organização do Time'sUp se mostraram dois marcos importantes para o movimento feminista, especialmente pela visibilidade e adesão de celebridades. No entanto, assim como no caso do movimento #MeuPrimeiroAssédio, a coordenação e sua expansão ficou centrada nas primeiras organizações que os levaram para frente, que atualmente atuam de forma direcionada, mas sem grande cobertura midiática, mesmo na própria Revista Marie Claire. A internet, enfim, segue se mostrando um catalisador de atos e movimentos espontâneos, fornecendo uma base para troca de experiências e articulação entre grupos vulneráveis, apesar de toda a degradação da discussão com fakenews e divergências; mas sem a organização dos movimentos sociais e dos ativistas, pouco poderá fazer pelas causas e demandas dos grupos sociais.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Olivia. The #MeToo movement needs to stay angry, if we are to deliver real change for women. **Revista Marie Claire**, 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.marieclaire.co.uk/opinion/me-too-movement-women-violence-harvey-weinstein-683309>>. Acesso em: 16 maio 2020.

AGÊNCIA EFE. Trechos da Carta Aberta do movimento #MeToo, 02 de janeiro de 2018. **Agência EFE**. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2018/01/atrizes-de-hollywood-criam-fundo-legal-contra-abusos-sexuais-mulheres.html>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

BALTAZAR, Thiago. (2018). 'Um novo dia está no horizonte', diz Oprah em discurso empoderador no Globo de Ouro. **Revista Marie Claire**, 08 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2018/01/um-novo-dia-esta-no-horizonte-diz-oprah-em-discurso-empoderador-no-globo-de-ouro.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Aids: falas e silêncios em revistas masculinas e femininas. **Revista Usp**, (33), 49-157, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i33p148-158>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CARUSO, Marina. Leia a carta aos leitores da diretora de redação de Marie Claire sobre a edição de janeiro. **Revista Marie Claire**, 03 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2018/01/leia-carta-aos-leitores-da-diretora-de-redacao-de-marie-claire-sobre-edicao-de-janeiro.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COOLE, Maria. Has #MeToo actually made things worse for women?. **Revista Marie Claire**, 18 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.marieclaire.co.uk/reports/metoo-worse-for-women-690304>>. Acesso em: 16 maio 2020.

GURGEL, Telma. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. **Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf>. Acesso em: 27 out. 2017.

LORDE, Audre. et al. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; SANTOS, Heloisa Souza dos. Imprensa feminista e a cobertura das eleições de 2018 no Brasil. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 16(2), 74-84, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p74>>. Acesso em: 16 maio 2020.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**, n. 18, jul./dez, p. 248-285, 2007.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, 56, 1-34, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900560012>. Recuperado em 16 maio 2020.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MONTEIRO, Thais. Marie Claire muda projeto editorial e gráfico. **Meio e Mensagem**. 2017. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/sem-categoria/2017/04/03/marie-claire-muda-projeto-editorial-e-grafico.html>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

OLIVEIRA, Priscilla P. de. A Quarta Onda do Feminismo na Literatura Norte-Americana. **Palimpsesto**, 30(18), 67-84, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2019.42952>>. Acesso em: 16 maio 2020.

PAULINO, Simone. C.; PAULINO, Sílvia. C. #Elenão: reflexões sobre ciberativismo feminista no Brasil nas eleições presidenciais de 2018. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - UNIGRANRIO**, 1(19), 2019.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Relações Públicas nos Movimentos Sociais e “Comunidades”: princípios, estratégias e atividades. **Anais ABRAPCORP**, 2008. Disponível em: <http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt5_krohling.pdf>. Acesso em 16 jul. 2020.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: **25º Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Salvador, Bahia. 2002.

REDAÇÃO BBC NEWS BRASIL. A polêmica carta de Catherine Deneuve e outras 99 francesas pelo 'direito' dos homens de cantarem as mulheres. **BBC News**. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-42633371>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Catherine Deneuve se desculpa à vítimas de assédio sexual por carta em que defendia "liberdade de importunar" dos homens. **Revista Marie Claire**, 18 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/01/catherine-deneuve-se-desculpa-vitimas-de-assedio-sexual.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Eu tinha horror: Brigitte Bardot recorda carreira no cinema e diz que sem os animais "teria se suicidado". **Revista Marie Claire**, 22 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/01/eu-tinha-horror-brigitte-bardot-recorda-carreira-no-cinema-e-diz-que-sem-os-animais-teria-se-suicidado.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Inimigos da liberdade: Catherine Deneuve e artistas francesas criticam movimento #MeToo. **Revista Marie Claire**, 10 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/01/caca-bruxas-catherine-deneuve-e-artistas-francesas-criticam-movimento-metoo.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Keira Knightley revela que foi assediada sexualmente quatro vezes: "não é só estupro". **Revista Marie Claire**, 18 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/01/keira-knightley-revela-que-foi-abusada-sexualmente-quatro-vezes.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Revoltante: Feministas reagem a texto assinado por Catherine Deneuve que critica o movimento #MeToo. **Revista Marie Claire**, 11 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/01/revoltante-feministas-reagem-texto-assinado-por-catherine-deneuve-que-critica-o-movimento-metoo.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Globo de Ouro: Stylists estão com dificuldade de encontrar looks pretos. **Revista Marie Claire**, 07 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2018/01/globo-de-ouro-stylists-estao-com-dificuldade-de-encontrar-looks-pretos.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Harvey Weinstein é condenado a 23 anos de prisão por agressão sexual e estupro. **Revista Marie Claire**, 11 de março de 2020. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/03/harvey-weinstein-e-condenado-23-anos-de-prisao-por-agressao-sexual-e-estupro.html>>. Acesso em: 16 maio 2020.

REDAÇÃO UOL. “#MeToo e Time'sUp: entenda as iniciativas de Hollywood contra o assédio”. 2018. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/entretenimento/2018/01/19/metoo-e-times-up-entenda-as-iniciativas-da-hollywood-contra-o-assedio.htm>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, 21(1), 109-130, 2006. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922006000100007>>. Acesso em: 16 maio 2020.

SILVA, Adriana Ferreira. Catherine Deneuve e Danuza Leão erram ao criticar feministas e defender direito de assediar. **Revista Marie Claire**, 18 de janeiro de 2018. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/De-repente-perennial/noticia/2018/01/catherine-deneuve-e-danuza-leao-erram-ao-criticar-feministas-e-defender-direito-de-assediar.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

TOMAZETTI, TainanPauli. O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero. **Razón y Palabra**, n. 90, p. 488-500, jun./ago, 2015.

TOURAINÉ, Alan. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, v. 21, n. 1, p. 17-28, 2006.

VOLPATO, Alana Nogueira.; et. al. Visibilidade Como Estratégia, Estratégias de Visibilidade: Movimentos sociais contemporâneos na internet. **Revista ECO-Pós**, 22(1), 352-383, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v22i1.15992>>. Acesso em: 16 maio 2020.

(Recebido em novembro de 2020; aceito em dezembro de 2020)